XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009.

# O conceito de gerações e de juventude na obra de Karl Mannheim.

Wivian Weller.

Cita:

Wivian Weller (2009). *O conceito de gerações e de juventude na obra de Karl Mannheim. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires.*

Dirección estable: https://www.aacademica.org/000-062/1800

*Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de* acceso abierto*. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: https://www.aacademica.org*.

XXVII Congreso ALAS
Buenos Aires, 31 de agosto a 4 de setembro de 2009

**GT 22** Sociología de la infancia y juventud

**Coordinadores:** María Isabel Domínguez, Tom Dwyer,
Silvia Guemureman y Mariela Macri

# El concepto de generación y juventud en la obra de Karl Mannheim[1]

# O conceito de gerações e de juventude na obra de Karl Mannheim

*Wivian Weller*[2]

**Resumen:** El artículo rescata los trabajos de Karl Mannheim sobre juventud y su actualidad para los estudios juveniles contemporáneos. Empieza con una contextualización de la obra y de conceptos claves, por ejemplo, el concepto de generación como presentado por Mannheim en un artículo publicado en 1928. En la segunda parte se hace un análisis de la concepción de juventud como agente de los cambios sociales y la importancia que Mannheim atribuye a la educación en el proceso de formación de los jóvenes como actores de los cambios politicos y culturales. Por fin se discute algunas apropiaciones del concepto de generación y la contribución que la perspectiva generacional de Mannheim aún puede traer a los estudios sobre juventud.
**Palabras clave:** generación, juventud, Karl Mannheim, Sociología del Conocimiento

## O problema das gerações na perspectiva de Karl Mannheim

Embora o conceito de gerações de Karl Mannheim represente, para muitos, a mais completa tentativa de explicação do tema (DOMINGUES, 2002, p. 69), o mesmo tem sido muitas vezes citado por se tratar de um "clássico". Schäffer (2003, p. 56) critica ainda o recorte realizado por alguns autores que se apropriam de algumas partes do artigo – sobretudo a subdivisão do conceito de geração de Mannheim, que mesmo representando uma parte importante do artigo, só faz sentido quando analisada no conjunto. Nesse sentido,

[1] Trabalho apresentado no GT 22 Sociologia da Infância e Juventude no XXVII Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia. Buenos Aires, 31 de agosto a o4 de setembro de 2009. Este trabalho contou com apoio financeiro da Universidade de Brasília. Versões anteriores desse trabalho foram apresentadas no 29º Encontro Anual da ANPOCS (2005) e no XIII Congresso Brasileiro de Sociologia (2007).
[2] Doutora em Sociologia pela Universidade Livre de Berlim, Alemanha. Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Coordenadora do GERAJU: Grupo de Pesquisa em Educação e Políticas Públicas: gênero, raça/etnia e juventude.

faremos, inicialmente, uma breve reconstrução do ensaio *O problema das gerações* (1928) da forma como nos foi apresentado pelo autor.

*O estado do problema*[3]

Mannheim inicia seu artigo com uma revisão dos enfoques teóricos sobre gerações. Nessa revisão ele compara a 'vertente positivista' - predominante no pensamento liberal francês com o 'pensamento histórico-romântico' alemão, alegando que o tema das gerações é abordado por ambas correntes a partir de dois ângulos distintos. Os positivistas – segundo o autor – optaram por analisar o problema do "ser-humano" (*Mensch-Seins*) a partir da captação de dados *quantitativos*, enquanto que na corrente histórico-romântica se priorizava a abordagem *qualitativa.* Nessa corrente há uma recusa em se fazer contas matemáticas, prioriza-se interiorizar o problema (cf. 193s/509[4]). Mannheim critica os positivistas alegando que para eles

> La meta es comprender el cambio formal de las corrientes espirituales y sociales inmediatamente a partir de la esfera biológica; aprehender la configuración del progreso del género humano partiendo del sustrato vital … la historia del espíritu aparece en esa visión como se únicamente se hubieran estudiado las tablas cronológicas. Después de esas simplificaciones parece como si la dificultad del problema tan sólo estribara en calcular el período medio de tiempo que tarda en ser sustituida la generación anterior por la nueva en la vida pública y, principalmente, en encontrar el punto de comienzo natural donde se procede a hacer, en el decurso histórico, un oportuno corte, para poder empezar a contar. La duración de las generaciones se determina de forma diversa según los casos. Algunos fijan la duración del efecto de la generación en quince años (p. ej., *Dromel*), pero la mayoría de los autores sostiene que dura treinta, fundamentándolo en la siguiente consideración: los treinta primeros son años de formación; solo al alcanzar esa edad empieza el individuo medio a ser creativo, y cuando llega a los sesenta, el hombre deja la vida pública (p. 195s/511s).

Mannheim não esconde sua preferência pela abordagem histórico-romântica alemã e destaca ainda que este é um exemplo bastante claro de como a forma de se colocar uma questão pode variar de país para país, assim como de uma época para outra[5]. Ao invés de associar as gerações a um conceito de tempo externalizado e mecanicista, pautado por um princípio de linearidade, o pensamento histórico-romântico alemão se esforça por buscar no problema geracional uma contraproposta diante da linearidade do fluxo temporal da história: "De esta manera, el problema generacional se transforma en el problema de la existencia de

[3] Esse tópico compreende a primeira parte do ensaio que não se encontra publicada no Brasil. Para maiores detalhes cf. a versão inglesa (p. 276-286) ou espanhola (p. 147-193-204).
[4] Optamos por citar as páginas de acordo com a tradução em espanhol seguido da indicação das páginas na versão original.
[5] Assim escreve Mannheim: "La tesis de que la forma de plantear las cuestiones y los modos de pensar cambian con los países, las épocas y las voluntades políticas dominantes, difícilmente puede encontrar una prueba mejor que la de confrontar las soluciones propuestas para ese problema en los distintos países con las corrientes que dominan en cada uno de ellos" (p. 198/514).

un tiempo interior no mensurable y que solo se puede comprender como algo puramente cualitativo", ou seja, esse tempo interno só pode ser apreendido subjetivamente e não objetivamente (p. 199/516). Mannheim destaca dois aspectos inovadores do pensamento de Dilthey e os toma como referência: 1) A contraposição entre a mensuração quantitativa e a compreensão exclusivamente qualitativa do tempo interior de vivência (*erfassbarer innerer Erlebniszeit*); 2) O fato de que não é somente a sucessão de uma geração que cobra um sentido mais profundo do que o meramente cronológico, mas também o fenômeno da "contemporaneidade" ou "simultaneidade" (*Gleichzeitigkeit*).

Essa noção de vínculo geracional como fruto das experiências vividas na contemporaneidade inspirada no conceito qualitativo de tempo de Dilthey, será elaborada de forma ainda mais radical quando Mannheim recorre à expressão cunhada por Pinder (um historiador da arte) de "não-contemporaneidade dos contemporâneos" (*Ungleichzeitigkeit des Gleichzeitigen*) ou "não simultaneidade do simultâneo" como Domingues preferiu traduzir (2002, p. 70). Com isso Mannheim chama a atenção para o fato de que *diferentes grupos etários vivenciam tempos interiores diferentes em um mesmo período cronológico*: "Cada uno vive con gente de su edad y con gente de edades distintas en una plenitud de posibilidades contemporáneas. Para cada uno el mismo tiempo es un tiempo distinto; a saber: *una época distinta y propia de él*, que sólo comparte con sus coetáneos" (PINDER *apud* MANNHEIM, p. 200/517).

Outra questão que Mannheim irá trabalhar, a partir das idéias de Pinder, diz respeito ao problema da "enteléquia" de uma mesma geração, ou seja, de seus objetivos internos ou de suas "metas íntimas" (cf. p. 201/518), que estão relacionadas ao "espírito do tempo" (*Zeitgeist*) de uma determinada época ou ainda à sua desconstrução, uma vez que várias gerações estão trabalhando simultaneamente na formação do que viria a ser o "espírito do tempo" (SCHÄFFER, 2003, p. 58s). Mannheim reconhece não apenas a riqueza das contribuições de Pinder, mas também as limitações ou perigos do pensamento romântico, "cujas fantasias especulativas oscilam entre um espiritualismo extremo e a tentativa de regulamentação dos positivistas" (YNCERA, 1993, p. 155 – trad. WW). Trata-se de um erro fatal seguir acreditando que só nos deparamos com um autêntico problema geracional quando estamos em condições de demonstrar a existência entre o ritmo de uma geração e outra de um intervalo fixo e idêntico a todas elas. Mannheim destaca ainda ser preciso abandonar o caminho da "especulação imaginativa" e levar em conta que o ritmo biológico reage no elemento do acontecer social (p. 203s/521s: *Der biologische Rhytmus wirkt sich im Elemente des sozialen Geschehen aus*). A noção de "não-contemporaneidade dos contemporâneos" e a "enteléquia geracional" constituem, portanto, categorias centrais a partir das quais Mannheim irá desenvolver sua análise sociológica sobre o problema das gerações (SCHÄFFER, *op cit.*).

*O problema sociológico das gerações*

Mannheim inicia a segunda parte de seu ensaio criticando a falta de unidade na análise do problema das gerações, de pesquisas consistentes sobre o tema e a prevalência de uma "perspectiva estática" nas pesquisas sociológicas sobre grupos humanos, para, em seguida, apresentar alguns conhecimentos relativos ao fenômeno das gerações (p. 204s/522-24). Buscando analisar a especificidade do convívio dos indivíduos interligados pela unidade geracional (*Generationseinheit*), Mannheim chama a atenção para o fato de a unidade de uma geração não consistir em uma adesão voltada para a criação de grupos concretos, preocupados em constituir uma coesão social, ainda que, ocasionalmente, algumas unidades geracionais possam vir a constituir grupos concretos, tais como os movimentos juvenis, entre os quais poderíamos citar o movimento estudantil de 1968. Mas à parte desses casos específicos, nos quais a conexão geracional (*Generationszusammenhang*) pode levar à formação de um grupo concreto, o autor destaca ser ela uma mera conexão, ou seja, casualmente os indivíduos pertencem a ela, mas não se percebem como um grupo concreto (p. 206/524).

Para Schäffer (*op cit*, p. 59) a pergunta que se coloca então é a seguinte: qual é a especificidade da "enteléquia geracional" se a mesma não está associada a um grupo concreto? Se não é a proximidade de um grupo (família, amigos, etc) nem a estrutura de uma organização, quais elementos produziriam esse vínculo geracional? Mannheim responde a essas questões recorrendo a uma categoria social a princípio distinta, mas que apresenta semelhanças com a conexão geracional: a *Klassenlage* ou a situação de classe. Essa posição (*Lagerung*) se fundamenta pela presença de um ritmo biológico na existência humana (*menschliches Dasein*) e apresenta semelhanças com a "situação de classe", na qual as condições socioeconômicas constituem uma base comum:

> La *situación de clase* y la *situación generacional* (la comunidad de pertenencia a años de nacimiento próximos) tienen algo en común, debido a la posición específica que ocupan en el ámbito sociohistórico los indivíduos afectados por ellas. Esa característica común consiste en que limitan a los individuos a determinado terreno de juego dentro del acontecer posible y que les sugieren así una modalidad específica de vivencia y pensamiento, una modalida específica de encajamiento en el proceso histórico (p. 209/528).

No entanto, Mannheim chama a atenção para o fato de que o pertencimento a uma geração não pode ser deduzido imediatamente das estruturas biológicas: "el problema sociológico de las generaciones comienza donde se distingue la relevância sociológica de esos datos previos" (*ibid*). A situação de classe e a situação geracional, apresentam aspectos similares devido à posição específica ocupada pelos indivíduos no âmbito sócio-histórico. Mas essa posição gera uma modalidade específica do viver e do pensar, da forma como os membros interferem no processo histórico, ou seja: uma *tendência inerente a cada posição* e que só pode ser determinada a partir da própria posição (*ibid*).

A noção de *situação geracional* é ampliada por meio de um exercício analítico, no qual o autor aponta cinco aspectos que distinguem uma sociedade marcada por mudanças geracionais, tal como as sociedades em que vivemos, de uma sociedade utópica e imaginária: 1) A constante irrupção de novos portadores de cultura; 2) A saída constante dos antigos portadores de cultura; 3) A limitação temporal da participação de uma conexão geracional no processo histórico; 4) A necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados; 5) O caráter contínuo das mudanças geracionais (p. 211/530). Esses elementos caracterizam as gerações como processos dinâmicos e interativos e apresentam características relevantes da teoria mannheimiana sobre as gerações (SCHÄFFER 2003, p. 60-63).

A *constante irrupção de novos portadores de cultura* é vista pelo autor como um fenômeno relevante para a vida social, pois são eles os responsáveis pela vitalidade e dinamicidade das sociedades. Embora a sucessão de gerações implique em perdas de bem culturais acumulados, Mannheim chama a atenção para os aspectos práticos dessas mudanças: "La irrupción de nuevos hombres hace, ciertamente, que se pierdan bienes constantemente acumulados; pero crea inconscientemente la novedosa elección que se hace necesaria, la revisión en el dominio de lo que está disponible; nos enseña a olvidar lo que ya no sea útil, a pretender lo que todavía no se ha conquistado" (p. 213/532).

A *saída dos antigos portadores de cultura* também é positiva na medida em que suscita a memória ou a recordação social, tão importante quanto o esquecimento daquilo que deixou de ser significativo ou necessário. Em relação à memória, Mannheim destaca duas modalidades através das quais as vivências passadas se fazem presentes. Por um lado, "como modelos conscientes", orientadores das ações e condutas dos indivíduos em sociedade; por outro, de forma "inconscientemente comprimida", "intensiva" e "virtual", ou seja: como uma espécie de ferramenta condensadora de todas essas experiências, perceptíveis nas reações trazidas à tona através da recordação dessas experiências (por exemplo: a sentimentalidade) Essa segunda modalidade de memória das vivências passadas remete a um aspecto importante da concepção sobre gerações de Mannheim, no qual o autor ressalta o conhecimento implícito acumulado, elaborando assim uma definição não-biológica da velhice e das diferenças entre as velhas e novas gerações:

> Alguien es viejo, ante todo, cuando vive en el contexto de una experiencia específica que él mismo obtuvo y que funciona como una preconfiguración, por cuyo medio cualquier nueva experiencia recibe de antemano, y hasta cierto punto, la forma y el lugar que se le asignan. Por contra, en la nueva vida las fuerzas configuradoras se constituyen por primera vez; en ella, todavía pueden ser asimiladas por sí mismas las intenciones fundamentales de esa conocida impetuosidad que es propia de las situaciones nuevas (p. 214-15/534).

O terceiro aspecto relativo à *limitação temporal da participação de uma conexão geracional no processo histórico* analisa as características geradoras da posição geracional daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico. De acordo com Mannheim não basta haver nascido em uma mesma época, ser jovem, adulto ou velho nesse período. O que caracteriza uma posição comum daqueles nascidos em um mesmo tempo cronológico é a potencialidade ou possibilidade de presenciar os mesmos acontecimentos, de vivenciar experiências semelhantes, mas, sobretudo, de processar esses acontecimentos ou experiências de forma semelhante. Poderíamos argumentar que os modernos meios de comunicação ampliaram as possibilidades de participação de jovens residentes em continentes distintos em um conjunto de acontecimentos e experiências semelhantes colocando-os em uma mesma posição geracional. No entanto, a identificação geracional comum implica em formas semelhantes de ordenação e estratificação dessas experiências.

Ao discutir *a necessidade de transmissão constante dos bens culturais acumulados* Mannheim destaca o papel e o desafio das gerações mais velhas em relação às mais novas assim como das instituições de ensino: "Es difícil conseguir una educación y una enseñanza adecuadas (en el sentido de la completa transmisión de los ejes de la vivencia que son necesarios para el saber activo), puesto que la problemática vivencial de la juventud se plantea a un contrincante distinto al del maestro" (p. 219/540). Em outras palavras, as dificuldades existentes entre professores e alunos estão relacionadas às orientações ou visões de mundo distintas de cada geração, como se "os sedimentos mais profundos não pudessem ser desestabilizados" (p. 219/540). A superação dessa tensão implica em uma interação e troca de papéis: "no sólo educa el maestro al discípulo, sino que el discípulo educa también al maestro. Las generaciones están en incesante interacción" (*idem*).

Com base nesse último exemplo relativo a interação necessária entre aqueles que ensinam e os que aprendem, Mannheim se opõe à idéia de uma suposta dicotomia existente entre as velhas e as novas gerações e destaca *o caráter contínuo das mudanças geracionais* assim como o papel ocupado pelas "gerações intermediárias" nesse processo: "en el curso de ese equilibrio retroactivo no se enfrentan la generación más vieja y la más joven, sino las «generaciones intermedias», que están más próximas entre sí. Son éstas las que se influyen recíprocamente" (p. 220/540).

Para Schäffer (*op cit*) esse último aspecto remete a uma segunda questão central da teoria mannheimiana sobre as gerações: por um lado ela destaca o conhecimento implícito acumulado e transmitido de geração para geração com suas devidas *re*leituras e *re*interpretações; por outro, aponta para a necessidade de compreensão do problema das gerações como um processo dinâmico. Nesse sentido, Mannheim se aproxima da idéia simmeliana de interação, ou seja, da complexa interação existente entre distintos fatores constitutivos de gerações. Na seção seguinte do artigo o autor analisa as especificidades presentes na concepção de gerações, definidas como *posição geracional, conexão geracional* e *unidade geracional.*

O que define a *posição geracional* (*Generationslagerung*) não é um estoque de experiências comuns (*ähnliche Erlebnisschichtungen*), acumuladas de fato por um grupo de indivíduos, mas a possibilidade ou "potencialidade" de poder vir a adquiri-las. Ou seja: na noção de *Lagerung* está implícita a idéia na qual as condições para a vivência de um conjunto de experiências comuns já estão dadas. Se os indivíduos irão 'despertar' essa potencialidade imanente é um aspecto, que, dependerá, por sua vez, de outros fatores sociais: "la posición solo contiene posibilidades potenciales que pueden hacerse valer, ser reprimidas, o bien modificarse en su realización al resultar incluidas en otras fuerzas socialmente efectivas" (p. 221/542).

Já a *conexão geracional (Generationszusammenhang)* apresenta características mais determinantes do que a posição geracional. Ela pressupõe um vínculo concreto, algo que vai além da simples presença circunscrita a uma determinada unidade temporal e histórico-social. Esse vínculo concreto Mannheim - em alusão a Heidegger - define como uma participação no destino comum dessa unidade histórico-social: "una conexión generacional se constituye por medio de la participación, de los individuos que pertenecen a la misma posición generacional, en el destino común y en los contenidos conexivos que de algún modo forman parte de este" (p. 225/547). Para a conexão geracional não basta participar apenas "potencialmente" de uma comunidade constituída em torno de experiências comuns: é preciso estabelecer um vínculo de participação em uma prática coletiva, seja ela concreta ou virtual. Mannheim recorre aqui à fenomenologia social para analisar o convívio específico (*Miteinaderseins*) e os vínculos existentes entre os indivíduos pertencentes a uma mesma conexão geracional (cf. SCHÄFFER, 2003, p. 63s). Nesse sentido, a crítica de que Mannheim estaria realizando somente uma transposição da análise de classe para a análise sociológica das gerações (MATTHES, 1985) não seria procedente segundo Schäffer (*op cit*).

*Existiria então uma conexão geracional unificada?* Poderíamos responder positivamente, mas Mannheim segue argumentando sobre a necessidade de definir melhor os termos. Para o autor tanto a juventude romântico-conservadora, como a juventude liberal-racionalista, pertencem à mesma conexão geracional, mas estão vinculadas a ela por *unidades geracionais* distintas:

> Estas unidades generacionales se caracterizan no sólo por significar diversas conexiones del acontecer vinculadas entre sí en el seno de una débil participación en común vivenciada por distintos individuos, sino también porque significan un modo de reaccionar unitario – un «agitarse juntos» y un modo de configurar que están conformados por un sentido semejante – de los individuos que están (en la medida en que lo están) directamente vinculados a una determinada conexión generacional (p. 225/547).

As unidades de geração desenvolvem perspectivas, reações e posições políticas diferentes em relação a um mesmo problema dado. O nascimento em um contexto social

idêntico, mas em um período específico faz surgirem diversidades nas ações dos sujeitos. Uma outra característica é a adoção ou criação de estilos de vida distintos pelos indivíduos, mesmo vivendo em um mesmo meio social. Em outras palavras: a unidade geracional constitui uma adesão mais concreta em relação àquela estabelecida pela conexão geracional. Mas a forma como grupos de uma mesma conexão geracional lidam com os fatos históricos vividos por sua geração (por exemplo, a ditadura militar no Brasil), fará surgir distintas unidades geracionais no âmbito da mesma conexão geracional.

As unidades de geração podem ser vistas como o elemento que mais se aproxima dos grupos concretos. No entanto, o interesse de Mannheim não reside sobre o grupo, mas sobre "las tendencias formativas y las intenciones vinculantes básicas que éstos llevan incorporadas, y en que, por medio de ellos, se vincula uno con las voluntades colectivas" (p. 224/545). Nesse sentido, uma unidade de geração não é constituída por um grupo concreto, tampouco pelos conteúdos transmitidos através de expressões verbais ou corporais ou por meio de algum produto artístico produzido, por exemplo, por jovens pertencentes ao movimento hip hop (cf. WELLER, 2009). Uma unidade de geração se caracteriza pelas *intenções primárias documentadas nas ações e expressões desses grupos*. Essas intenções primárias ou tendências formativas só poderão ser analisadas a partir de um grupo concreto porque elas são constituídas nesse contexto. Contudo, as intenções primárias, não se reduzem ao grupo e aos atores, que, por sua vez, não se reduzem ao status de membros de um grupo concreto mas ao de *atores coletivos envolvidos em um processo de constituição de gerações.* A composição de gerações é, portanto, um processo sociogenético contínuo, no qual estão envolvidos, tanto grupos concretos, como a experiência adquirida em contextos comunicativos, entre outros, aqueles disponibilizados pelos meios de comunicação (SCHÄFFER, 2003, p. 66s).

*Breves considerações sobre o conceito de gerações de Mannheim*

As análises de Mannheim sobre o problema das gerações não se situam no campo macro e tampouco microsociológico. O autor apresenta em seu ensaio sobre o problema das gerações uma proposta de superação da oposição existente entre objetivismo e subjetivismo. A necessidade de se construir uma "terceira via" de análise do problema, é apontada pelo autor como necessária devido à insuficiência teórico-metodológica constatada tanto no positivismo como no romantismo (cf. YNCERA, 1993). Outros pesquisadores também destacam a "*dimensão meso"* presente na perspectiva mannheimiana*,* na qual os binarismos estão superados na medida em que aponta para uma análise multidimensional das gerações, pois, Mannheim compreende as gerações a partir de suas relações com o meio social (*milieu*), os sexos, a faixa etária, dentre outros. Tal perspectiva é ainda mais evidente quando uma geração passa a ser concebida não somente em distinção às outras gerações - como sugerido por alguns estudiosos, (cf. BUDE, 2000) -mas também em relação aos aspectos em comum existentes entre os membros de uma geração. Essa dimensão é elaborada com

maior perspicácia nos trabalhos publicados somente em 1980, nos quais Mannheim introduziu os *espaços sociais de experiências conjuntivas* como categoria de análise.

Os atores acima citados chamam ainda a atenção para outro propósito presente no "problema das gerações". Por um lado, Mannheim atribui relevância sociológica à questão geracional.

> Precisamente, en el arranque mismo de la discusión sociológica del problema, Mannheim había dicho que el generacional es un problema importante que hay que tomar en serio, puesto que se trata de «una guía indispensable para conocer la estructura de los movimientos sociales y espirituales». Y en esto también tiene importancia el sentido concreto – la significación práctica inmediata – que puede tener al intentar entender «la transformación acelerada de los fenómenos del presente» … que es la tarea concreta que Mannheim asigna a la sociología de su tiempo" (YNCERA, op cit, p. 157s).

Por outro, o estudo das gerações não se detêm apenas a um problema concreto, mas persegue um segundo interesse sociológico voltado para a busca de um método ou de um procedimento adequado para analisar a questão. O artigo discute um dos principais conceitos da sociologia do conhecimento de Mannheim e, ao mesmo tempo, apresenta o que essa corrente oferece em termos de produção teórica e metodológica

**O problema da juventude na sociedade moderna**

> *A juventude não é progressista nem conservadora por natureza, mas, em função de uma força dormitante que sobre ela reside, está pronta para tudo o que há de novo (Mannheim, 1952 , p. 62 – trad. WW).*

Outra contribuição relevante e ao mesmo tempo controversa no âmbito da Sociologia da Juventude diz respeito aos estudos realizados no período de exílio na Inglaterra, nos quais o autor analisou o comportamento da juventude na ascensão do nazismo e durante a segunda guerra mundial. Na tentativa de apresentar possíveis alternativas para a superação de regimes autoritários Mannheim destaca a importância de uma concepção mais ampla da escola e de suas tarefas, argumentando que as novas gerações devem ter acesso a uma educação e formação política que transforme esses jovens em agentes promotores da mudança social necessária para a consolidação de sociedades democráticas[6].

[6] Vide o capítulo "A educação como trabalho de base" no livro *Liberdade, poder e planificação democrática* (Mannheim, 1972, p. 317-339).

Já no texto *O problema da juventude na sociedade moderna* publicado no livro *Diagnóstico do nosso tempo* (1961 [1952a[7]]) Mannheim discute o significado da juventude na sociedade e o papel que a mesma desenvolve ou deveria desenvolver. Destaca a importância de compreendermos a juventude levando em consideração o contexto histórico, político e social no qual ela está inserida e de percebermos a relação entre juventude e sociedade em termos de reciprocidade (1961, p. 36). Diferente das "sociedades estáticas" o autor defende que as "sociedades dinâmicas que querem dar uma nova saída, qualquer que seja sua filosofia social ou política" (id., p. 39) devem fazê-lo levando em consideração as futuras gerações:

> Na medida em que existe o desejo de adotar uma nova orientação, isso terá de fazer-se através da juventude. As gerações mais velhas ou intermediárias podem ser capazes de prever a natureza das mudanças futuras e sua imaginação criadora pode ser empregada para formular novas políticas; mas a nova vida será vivida apenas pelas gerações mais jovens. Estas viverão os novos valores que os velhos professam somente em teoria. Sendo assim, a função da juventude é a de um agente revitalizador. Trata-se de uma espécie de reserva que se revela apenas se tal revitalização for desejada" (1976, p. 92-93).

Embora Mannheim reconheça a importância da juventude como "agente revitalizador" da sociedade, percebe-se uma mudança em relação ao papel que Mannheim atribuía às gerações no artigo discutido anteriormente e que remonta a fase em que Mannheim viveu na Alemanha e em seu texto sobre a função das novas gerações. Sparschuh (2000, p. 239) salienta que em sua concepção de "democracia planejada" e do papel a ser assumido pela juventude nesse processo – ou seja, como "força desbravadora de uma democracia militante" (1961, p. 54) –, Mannheim estaria mais próximo das idéias de Marx do que em seus trabalhos escritos nos anos 1920, nos quais o autor se posicionou de forma crítica diante das abordagens marxistas.

Nessa fase, Mannheim – assim como Marx –, passa a defender uma maior intervenção e controle das instituições públicas por parte do Estado, de forma a garantir a democratização da cultura e a educação das novas gerações: "As massas sem educação e conhecimento são hoje um perigo maior para a manutenção da ordem do que as classes com uma orientação consciente e projetos de futuro sensatos" (MANNHEIM, 1952, p. 73 – trad. WW).

## A atualidade do conceito de gerações e juventude

Vários autores e pesquisadores no campo dos estudos sobre juventude destacam a atualidade e pertinência do conceito de gerações e dos aspectos que constituem uma geração (FORACCHI, 1972; SOUSA, 2006). O aporte de Mannheim constitui um importante

[7] Ano da edição em alemão à qual também estamos nos reportando. A primeira edição em inglês é de 1943.

arcabouço teórico para pesquisas empíricas sobre unidades geracionais no âmbito de uma conexão geracional na medida em que possibilita uma compreensão mais acurada da condição juvenil das juventudes contemporâneas, de suas orientações coletivas e formas de manifestação, dentre outras:

- As práticas ou movimentos culturais juvenis;
- Os processos de enfrentamento das diferentes formas de discriminação e de exclusão;
- Os processos de mobilidade social;
- As formas de resistência e de militância política desenvolvidas por distintos grupos;
- As ações enquanto atores ou vítimas da violência.

O aporte teórico de Mannheim torna-se ainda mais pertinente quando estes estudos são realizados de forma comparativa, por exemplo, quando processos de mobilidade social de distintos grupos de uma mesma geração são analisados de forma comparativa ou quando analisamos as práticas culturais e a participação política de jovens pertencentes a gerações distintas.

O conceito de gerações de Mannheim e sua acurada elaboração sobre a *posição,* a *conexão* e a *unidade* geracional rompem, por um lado, com a idéia de uma unidade de geração concreta e coesa. Nos instiga, por outro, a centrarmos nossas análises nas *intenções primárias documentadas nas ações e expressões de determinados grupos*, ao invés de buscarmos caracterizar suas especificidades enquanto grupo. Perguntar-se pelos motivos das ações desses atores coletivos envolvidos em um processo de constituição de gerações, implica ainda em uma análise da conjuntura histórica, política e social com base em uma perspectiva que poderíamos denominar como sendo de nível “macro”, bem como do conhecimento adquirido pelos atores nos espaços sociais de experiências conjuntivas, e que poderíamos denominar como sendo uma análise “micro”.

Nesse sentido, Mannheim nos convida a repensar a construção de instrumentos analíticos capazes de mapear e dar forma à singularidade de experiências concretas, que carecem de uma análise teórica. Em outras palavras, sua perspectiva não representa apenas uma contribuição teórica para os estudos sobre juventude e gerações, mas também uma proposta teórico-metodológica de pesquisa, capaz de superar as dimensões binárias presentes em algumas correntes teórico-metodológicas.

**Bibliografia**

BOHNSACK, Ralf; SCHÄFFER, Burkhard. Generation als konjunktiver Erfahrungsraum. Eine empirische Analyse generationsspezifischer Medienpraxiskulturen. In: Burkart, Günter; Wolf, Jürgen (orgs.). *Lebenszeiten. Erkundungen zur Soziologie der Generationen.* Opladen: Leske + Budrich, 2002, p. 249-273.

BUDE, Heinz. Die biographische Relevanz der Generation. In: Kohli, Martin; Szydlik, Marc (orgs.). *Generationen in Familie und Gesellschaft.* Opladen: Leske + Budrich,2000, p. 19-35.

DOMINGUES, José M. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. Tempo Social. São Paulo, v. 14, n. 1, p. 67-89, maio de 2002.

FORACCHI, Marialice M. *A juventude na sociedade moderna.* São Paulo: Pioneira, 1972.

MANNHEIM, Karl. *Strukturen des Denkens.* Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1980 [inglês: (1982) *Structures of thinking*. Collected Works Volume Ten. London: Routledge & Kegan Paul].

MANNHEIM, Karl. Das Problem der Generationen. In: ___. *Wissenssoziologie.* Neuwied: Luchterhand, 1964, p. 509-565.

MANNHEIM, Karl. El problema de las generaciones. *REIS - Revista española de investigaciones sociológicas*, n. 62, p. 193-242, abr/jun. 1993.

MANNHEIM, Karl. *Diagnose unserer Zeit. Gedanken eines Soziologen*. Frankfurt/M.: Büchergilde Gutenberg, 1952a.

FORACCHI, Marialice M. (org.). *Karl Mannheim.* São Paulo: Ática, 1982.

MANNHEIM, Karl. *Diagnóstico de nosso tempo.* Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

MANNHEIM, Karl. *Liberdade, poder e planificação democrática.* São Paulo: Mestre Jou, 1972.

MANNHEIM, Karl. Funções das gerações novas. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. M. *Educação e Sociedade.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1976, p. 91-97.

MATTHES, Joachim (1985): Karl Mannheims “Das Problem der Generationen”, neu gelesen. *Zeitschrift für Soziologie*. Ano 14, n. 5, p. 363-372.

SCHÄFFER, Burkhard. Generationen – Medien – Bildung: Medienpraxiskulturen im Generationenvergleich. Opladen: Leske + Budrich, 2003.

SOUSA, Janice T. P. Apresentação do Dossiê. A sociedade vista pelas gerações. *Política & Sociedade,* n. 8, p. 9-29, 2006.

SPARSCHUH, Vera. Der Generationsauftrag – bewusstes Erbe oder “implizites Wissen”?: Karl Mannheims Aufsatz zum Problem der Generationen im Kontext seines Lebenswerkes. *Sociologia Internationalis*, v. 38, n. 2, p. 219-243, 2000.

YNCERA, Ignacio S. Crisis y orientación. Apuntes sobre el pensamiento de Karl Mannheim. *REIS,* n. 62, p. 17-43, abr/jun. 1993.

YNCERA, Ignacio S. La sociología ante el problema generacional. Anotaciones al trabajo de Karl Mannheim. *REIS*, n. 62, p. 147-192, abr/jun. 1993.

YNCERA, Ignacio S. La obra de Karl Mannheim. Una compilación actualizada de sus escritos más relevantes. *REIS*, n. 62, p. 245-253, abr/jun. 1993.

WELLER, Wivian *et al*. Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: Uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado*. Brasília, v. XVII, n. 02 [Inovações no Campo da Metodologia das Ciências Sociais], p. 375-396, jul./dez. 2002.

WELLER, Wivian. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. *Sociologias,* v. 7, n. 13, p. 260-300, jan./abr. 2005.

WELLER, Wivian. *Minha voz é tudo o que eu tenho: práxis estética e experiências discriminatórias de jovens negros em São Paulo e de jovens turcos em Berlim*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009 (no prelo).